

## Os dois marxismos de Marx

José Glauco Tostes<sup>1</sup>

O pensamento de Marx, caracterizado pela unidade de um só projeto revolucionário, vai, ao longo de praticamente toda a sua obra, oscilar dialeticamente entre um “marxismo científico” e um “marxismo crítico”<sup>2</sup>, constituindo-se aí uma contradição nuclear nunca plenamente resolvida por Marx, que por sua vez vai se propagar e enriquecer toda a história do séc. XX e ainda lançar suas raízes no séc. XXI.

Em termos simplificados, o “marxismo científico” tende para um rígido e impessoal determinismo histórico: é o “materialismo histórico”, caracterizado por um rígido esquema de classes. Neste esquema, a consciência humana, em particular a “consciência de classe”, tende a ser determinada – segundo uma causalidade quase mecânica – pela base econômica de cada modo de produção e cada um deles, por sua vez, somente pode ser revolucionariamente derrubado depois de ter completamente esgotadas todas as suas possibilidades produtivas (é a “teoria da saturação” de cada modo de produção). Já o “marxismo crítico” tende a defender uma relação dialética (causalidade recíproca) entre consciência (“sujeito”) e as condições materiais que ela, consciência, já encontra herdadas (“objeto”), ou seja, nesta relação a consciência tende a fugir do rígido esquema de classes acima descrito, introduzindo-se aí um aspecto libertário ou voluntário (uma “autonomia relativa”) na atividade da consciência face à sua base econômica (é o caso do próprio Marx, que defende os interesses da classe

1 Professor – LCQUI – da Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro.

2 A. W. Gouldner, *The two marxisms*. London, MacMillan, 1980.

proletária ainda que seja um intelectual oriundo de camadas pequeno-burguesas). No primeiro marxismo acima tem-se uma tendência em direção a uma “ciência positiva” acima das ideologias de cada classe (é a “*science*”, ciência inglesa); no segundo marxismo tem-se uma tendência a uma ciência ela própria construída ideologicamente, isto é, ligada às condições históricas e, em particular, ao conflito de classes (é a “*wissenschaft*” alemã).

Na medida em que estão entrelaçadas por uma relação dialética, estas duas tendências estão longe, em Marx, de se constituir em fatores rígidos, separados e acabados. São estes dois marxismos que ora mais articulados, ora mais afastados, vão permear teórica e praticamente, ao longo de todo o séc. XX, as lutas contra o motor civilizatório capitalista e vão permear, também, as atuais avaliações (acadêmicas, sindicais, etc.) sobre as grandes tendências do capitalismo.

Objetiva-se aqui um “inventário” crítico – ainda certamente incompleto – de autores que explicitamente vem reconhecendo ter sido o pensamento de Marx atravessado por duas tendências conflitantes. Ao final, tentaremos mostrar a importância do tema para o futuro do marxismo.

#### OS DOIS MARXISMOS DE MARX NO SÉC. XX

Já há, a nosso ver, uma história ligando à emergência e à proliferação de autores que explicitamente defendem a existência de uma contradição nuclear perpassando a obra de Marx. Tomando-se 1917 como referência, começa-se nos anos 20 a se reconhecer a emergência de mais de um marxismo no cenário europeu: o marxismo-leninismo e o (posteriormente assim chamado) “marxismo ocidental”. No entanto, não há então tendência clara de se rebater esta dualidade conflitante sobre o próprio pensamento marxiano. De fato, esta tendência só vem a se explicitar claramente na 2ª metade do século XX (possivelmente relacionada, entre outros fatores, a mudanças no PCUS durante meados dos anos 50). Em meados dos anos 50, M. Ponty<sup>3</sup> atribuiu, em trecho famoso, a existência – ainda que de modo sucessivo - de “dois marxismos” em Marx. Da fase que vai daí até final dos anos 70, a tendência inicial foi explicitar a presença de tal contradição nuclear em Marx em termos de dois marxismos *antinômicos*, isto é, sem explorar possibilidades de articulação entre eles. Neste caso se

- - - - -

3 M. Ponty, apud, I. Meszaros. *Beyond Capital*. London, Merlin Press, 1995.

destacou, em texto original de 1964, Castoriadis<sup>4</sup>. Destacamos este autor porque ele, teorizando sobre história da filosofia, avançou a tese de que, neste setor da filosofia, relações originalmente *antinômicas* tenderiam a ser aprofundadas em direção à relações *dialéticas*. Curiosamente não se lhe ocorreu de praticar isto com os dois marxismos que enxergou em Marx. J. Guimarães<sup>5</sup> (ele próprio apontando a antinomia central “liberdade x determinismo” em Marx), em texto de 1999, nos forneceu alguns outros autores em condições semelhantes às de Castoriadis: Sacristan (duas ciências em Marx), Labica (Marx hegeliano x Marx feuerbachiano), Hobsbawm (duas teorias sucessivas da história em Marx), Lefort (duas teorias da história em Marx), Colletti (duas leis do valor em Marx), Elster (duas teorias da história em Marx), Habermas (marxismo do paradigma reducionista-produtivista x marxismo crítico-dialético em Marx), etc. Os anos 60 e parte dos 70 foram fecundos na atribuição de marxismos antinômicos a Marx. Além dos já citados Castoriadis e Habermas, Colletti<sup>6</sup> atribuiu a Marx a antinomia “materialismo x dialética” ou, em outros termos, um Marx “kantiano” e um Marx “hegeliano” e Rubel<sup>7</sup> defende que desde o início até o fim há um marxismo *ético-libertário* em Marx, que correrá paralelo ao seu marxismo *produtivista* do materialismo histórico. Assoun<sup>8</sup>, utilizando texto de L. Goldmann, enfatiza que Vorlander, já em 1904, defendia posição semelhante à de Rubel. Já nos anos 80, um dos nomes citados acima por Guimarães, Hobsbawm<sup>9</sup>, em trecho fugidio reconhece estes dois marxismos. Nos anos 90 é a vez de autores como Latour<sup>10</sup> reconhecer dois marxismos antinômicos em Marx, dentro da questão central da modernidade ocidental: a separação natureza-sociedade. Bensaïd<sup>11</sup> por sua vez aponta um Marx que ora elogiava Darwin por este pretensamente ter erradicado a teleologia das ciências naturais e ora se encantava com a posição exatamente oposta de um geólogo como Trémaux (Engels convenceu Marx a abandonar esta última opção...).

No final dos anos 70, como que atendendo ao desafio castoriadiano, Gouldner<sup>12</sup>

4 C. Castoriadis. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

5 J. Guimarães. *Democracia e marxismo*. São Paulo, Xamã, 1999.

6 L. Colletti, apud, O. Tambosi, *O declínio do marxismo e a herança hegeliana*. Porto Alegre, UFSC, 1999.

7 M. Rubel, *Marx critique du marxisme*. Paris, Payot, 1974.

8 L. Assoun e G. Raulet, *Marxismo e teoria crítica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

9 E. Hobsbawm, *História do marxismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989, v. 11.

10 B. Latour, *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994.

11 M. Bensaïd, *Marx, o intempestivo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

12 Bensaïd, op.cit.

*dialética* a relação entre os dois marxismos, dando-lhes os rótulos que adotamos no presente texto. Esta postura iria dar frutos nos dias de hoje: Löwy e Bensaïd<sup>13</sup> aceitaram recentemente – como extremamente rica e fecunda politicamente ainda hoje – esta relação dialética interna ao próprio pensamento marxiano. Outrossim, comprovando como a interpenetração dos dois marxismos pode ser fecunda, embora nem sempre praticada de forma reflexiva, ela está ocorrendo quando o marxismo científico de M. Harnecker<sup>14</sup> se apropria do marxismo crítico de um Gramsci em termos *políticos*, como se possível fosse, impunemente, trabalhar – isolando-os – com a *teoria* do marxismo científico e a *práxis política* do marxismo crítico. Mais cedo ou mais tarde a rica tensão dialética entre eles vai se manifestar. Amálgamas análogos vem sendo praticados por outros autores latinos, como Foladori<sup>15</sup> ao trabalhar a questão ambiental em termos marxistas e por segmentos sindicais que se caracterizam por claro apoio ao marxismo científico (veja-se por exemplo o caso que apontamos em nosso recente texto para o último Congresso da ANDES<sup>16</sup> ).

Por outro lado, além das alternativas *antinômicas* e *dialéticas* para dois marxismos conflitantes em Marx, há ainda hoje tentativas de se defender – intransigentemente – a radical *unidade* do pensamento marxiano. Aí destacariamos Lukács e seu discípulo I. Meszaros, talvez o maior filósofo marxista vivo. A tentativa de Meszaros<sup>17</sup> é de difícil defesa, pois nada mais parece fazer do que amalgamar as três relações possíveis entre sujeito e objeto utilizando-se de textos marxianos para justificar cada uma destes três relações. De fato, em terreno considerado usualmente como *filosófico*, Marx não escapou de ambivalências e conflitos: conflitos entre *duas ontologias* (convincentemente apontadas por ontólogos como Bonheim<sup>18</sup>), entre *duas epistemologias* (ora teoria do reflexo, ora – via influência de Feuerbach – teoria do futuro como “atrator”) e, possivelmente (um tema ainda hoje extremamente controverso sobre Marx), entre *duas “lógicas”* (ou melhor, Marx algumas vezes parece ter claramente violado o Princípio da Não-Contradição, outras vezes não, quando trabalha com a realidade social/fenômenos sociais).

- - - - -

13 M. Löwy e M. Bensaïd, *Marxismo, modernidade e utopia*. São Paulo, Xamã, 2001.

14 M. Harnecker, *Tornar possível o impossível*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

15 G. Foladori, *Limites do desenvolvimento sustentável*. Campinas, Ed. Unicamp, 2001.

16 J.G. Tostes, “Tendências do capitalismo e movimento docente”. In: *Cadernos de Textos, XXII Congresso ANDES*, 09 a 13/03/03, Teresina, PI.

17 I. Meszaros, *Filosofia, ideologia e ciência social*. São Paulo, Ensaio, 1993.

18 G. Bonheim, *Dialética: teoria, práxis*. São Paulo, Edusp, 1977.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois marxismos de Marx compõem, a nosso ver, um dos instrumentos decisivos para entender-se a História do séc. XX, que teve como pano de fundo (no “breve séc. XX” de 14 a 91) o conflito capitalismo x socialismo real e – correspondentemente – 17 e 68 como seus dois eventos centrais: a Revolução de 17 enfatizou mais o “marxismo científico”, enquanto 68 mais o “marxismo crítico”. Ou seja, são estes dois marxismos que ora mais articulados, ora mais isolados, vão permear teórica e praticamente, ao longo de todo o séc. XX, as lutas contra o capitalismo. Por outro lado, talvez a questão mais central que se coloca hoje para todos os movimentos sociais que compreenderam a necessidade de se lutar por um projeto civilizatório alternativo ao capitalismo, é a avaliação correta das tendências do próprio capitalismo. Pois bem, tais avaliações – no campo marxista – tenderam e tendem, nem sempre conscientemente, a se utilizar mais de um ou outro dos dois marxismos<sup>19</sup>. Finalmente, se há um ponto para o qual nossos movimentos anticapitalistas (marxistas ou não) tendem a convergir é a superação da “marca central” da modernidade, apropriada pelo capitalismo: a separação sociedade-natureza. E tal processo de re-articulação entre sociedade e natureza vai se desdobrar – do ângulo da formulação teórica marxista – através do rico conflito entre os dois marxismos de Marx. O marxismo não acabou. Em primeiro lugar, porque o capitalismo não acabou. Em segundo lugar, devido (tal como no cristianismo, durante dois milênios) à sua extremamente fecunda contradição central.

-----

19 Tostes, *op.cit.*